

Trabalho escravo e destruição do meio ambiente



Leonardo Sakamoto/Repórter Brasil

Falar em **sustentabilidade** virou moda. O termo ganhou força a partir dos anos 1970 e sua popularização simbolizou a preocupação em tornar compatíveis o crescimento econômico, a preservação ambiental e a justiça social. Atualmente, muitas empresas e governos afirmam que seus produtos e políticas públicas são “verdes”. Movimentos sociais, ONGs e associações também incluíram a sustentabilidade como bandeira. Só por aí, dá para perceber que o uso desse termo, na prática, pode ter significados bem diferentes.

Por isso, costuma-se dizer que sustentabilidade é um **conceito em disputa**, ou seja, ainda em construção.

Se sustentabilidade é um conceito tão aberto e polêmico, de onde vem sua força? Por que ele passou a fazer parte do discurso de sujeitos sociais tão variados? Acreditamos que isso acontece porque é cada vez mais evidente a **insustentabilidade** do atual modelo de produção e consumo. A ocorrência de **trabalho escravo contemporâneo** e a **destruição do meio ambiente** são prova disso. Não por acaso, as áreas onde já houve mais libertações de trabalhadores escravizados são as mesmas que têm os maiores índices de desmatamento.

Também não é à toa que em muitas áreas da Amazônia a luta pela **reforma agrária** se some à **proteção da floresta**. A professora Laísa Sampaio é moradora do Projeto de Assentamento Agroextrativista Praia Alta Piranha, no sudeste do Pará. Ela está ameaçada de morte por criminosos que querem expulsar os assentados e derrubar as árvores.

Em maio de 2011, a irmã dela, Maria do Espírito Santo, e o cunhado, José Claudio da Silva, foram assassinados. Laísa deu um depoimento à Repórter Brasil contando por que, apesar do medo, ela continua a defender o meio ambiente: “Eu trabalho no grupo GTAE, Grupo de Trabalhadoras Artesanais Extrativistas. Nós confeccionamos os produtos, nós produzimos os fitocosméticos e os fitoterápicos a partir das oleaginosas: castanha, cupuaçu, andiroba. Você imagina, daqui cinco anos, como nós vamos trabalhar se a floresta for destruída?”.

Em 2011, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) divulgou um estudo feito com 121 trabalhadores libertados da escravidão. “Terra para plantar” foi a resposta que a maioria deles deu quando se perguntou quais as possíveis soluções para a melhoria de

suas condições de vida. Para ser sustentável, portanto, não basta que um produto ajude a reduzir as emissões de gases de efeito estufa (que são os gases que contribuem para as mudanças climáticas). A construção da sustentabilidade passa também pela **promoção dos direitos humanos**, entre eles o trabalho decente e o acesso à terra. Por exemplo: o etanol não pode ser

considerado sustentável enquanto continuar a, entre outros danos, ameaçar o território do povo guarani, no Mato Grosso do Sul; nem a soja pode ser vista como amiga do meio ambiente, por substituir a carne na dieta dos vegetarianos, enquanto for cultivada em monoculturas que abusam de agrotóxicos altamente nocivos, que chegam a contaminar o leite materno.

Thais Brianezi/Repórter Brasil



Em Vila Bela de Santíssima Trindade, no Mato Grosso, agricultores familiares mostram que gado e árvores frutíferas podem conviver em harmonia, no chamado manejo ecológico

Este fascículo foi produzido pelo programa “Escravo, nem pensar!” (www.escravonempensar.org.br) da ONG Repórter Brasil (www.reporterbrasil.org.br), com apoio do Ministério Público do Trabalho em Mato Grosso. Seu objetivo é contribuir para a reflexão em comunidades e escolas sobre a relação entre trabalho escravo e a destruição do meio ambiente.

Entre em contato com a gente para mandar sugestões ou comentários:

escravonempensar@reporterbrasil.org.br

Em São Paulo: Rua Bruxelas, 169, Sumaré
CEP 01259-020 São Paulo / SP

Em Tocantins: Rua Porto Alegre, 446, Bairro São João
CEP 77807-070 Araguaína / TO

Realização:



Apoio:

